

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

NOTA: 8,5

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA
LEITURA REFLEXIVA.**

OZENI APARECIDA RENAL

o.zeni@hotmail.com

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

PRIMAVERA DO LESTE/2013

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA
LEITURA REFLEXIVA.**

OZENI APARECIDA RENAL

o.zeni@hotmail.com

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

*"Monografia apresentada como
exigência parcial para obtenção do
Título de Especialização em
Psidopedagogia."*

PRIMAVERA DO LESTE/2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a deus por ter me concedido o poder de realizar este trabalho.

Agradeço meu querido e saudoso papai FRANÇA RENAL NETTO.

Agradeço a minha mãe DAIR ILÁRIA RENAL.

Agradeço meu esposo REGINALDO e meus filhos RODRIGO, ROANA E NEIZE por terem entendido minha ausência no lar.

Agradeço minha sogra ADENILDA MARIA RODRIGUES CANABRAVA, pelo apoio e a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram nesta jornada.

RESUMO

O presente estudo dessa monografia e pesquisa de campo, com o título AS PRÁTICAS DE LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA REFLEXIVA procura analisar os mecanismos e fatores que provocam a deficiência no hábito de leitura reflexiva das crianças, por meio de pesquisas e entrevistas, objetivando soluções viáveis para transformação do seu próprio mundo. Verificar a metodologia aplicada e os instrumentos utilizados pelo professor na prática de leitura em sala de aula, por meio de pesquisa objetivando conhecer a importância da leitura reflexiva, como uma rica experiência de vida que favorece o debate e a discussão com respeito à diversidade de opiniões. Atualmente existem vários problemas no processo ensino aprendizagem, um deles bem crítico e preocupante é a prática de ensino na alfabetização e a importância de leitura reflexiva. Mediante isso, realizei uma pesquisa etnográfica, visando mostrar a realidade em que se encontra o processo de ensino aprendizagem das práticas de leitura na alfabetização e a importância da leitura reflexiva em duas salas de aula, no 1º ciclo – 2ª fase do ensino fundamental, da Escola Estadual João Ribeiro Vilela, no município de Primavera Do Leste – MT.

Neste trabalho de modo geral, apresentei a importância do preparo do professor alfabetizador e seu domínio de habilidades e de conteúdo, assim como seu compromisso, voltado para o mundo do aluno, para a realidade em que vive, de forma que aprenda, avance e permaneça na escola.

Palavras-chave: Alfabetização-Leitura-Aprendizagem-Aluno.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO I REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	09
CAPÍTULO II METODOLOGIA.....	17
CAPÍTULO III PRÁTICA DE LEITURA.....	18
CAPÍTULO IV A LEITURA E O ALUNO.....	21
CAPÍTULO V O PROFESSOR E SUA PRÁTICA DE LEITURA.....	25
CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

Considerando que o processo ensino e aprendizagem precisa de uma reformulação urgente, e sendo a leitura parte desse processo, constata-se a necessidade do desenvolvimento deste estudo, verificando pela pesquisa a investigação dos fatores que contribui para o empobrecimento da leitura em nossas escolas.

Partindo do princípio que o indivíduo tem de aprender a ler o mundo para melhor perceber as relações soias e melhor interpretar e transformar a realidade atuando e nível de uma consciência reflexiva é que se constata a necessidade da importância da leitura reflexiva na prática social.

Acredito que no poder da educação e dos educadores, reafirmo na crença e no papel transformador da escola voltada para as condições básicas de estrutura e funcionamento para que os educadores possam oferecer, no âmbito que lhe é próprio, iguais, oportunidades de aprendizagem a todos, indistintamente.

Para que todas crianças tenham acesso a escolarização é preciso que a alfabetização mereça uma atenção prioritária no planejamento da escola.

Como as crianças, que chegam a escola há uma necessidade que o professor alfabetizador, motive bem as aulas e procure reconhecer as formas de linguagem que cada grupo social que a criança vive.

As crianças não têm muito sucesso na leitura, porque não sabem interpretar o que leu e isso disorre a dificuldade às demais disciplinas.

Então para aprender a ler e escrever é preciso que o cérebro esteja pronto. A criança precisará combinar ao mesmo tempo a capacidade de visão, audição de movimentação.

Dessa forma pode-se dizer que tenho já desenvolvido a capacidade de perceber, distinguir, discriminar, manusear objetos, ela já dispõe de muitos pré-requisitos necessários à alfabetização.

Em se tratando de leitura é uma habilidade que o aluno adquire na convivência com o mundo que o cerca. Mas é na escola que ele adquire a leitura

formalizada, e, cabe a mesma, fundamentar a uma proposta pedagógica que busque e construção de significação.

Portanto a alfabetização faz parte da formação da personalidade da criança e nesse sentido, não basta que simplesmente ela aprenda a ler e a escrever, mais que isto, é necessário que ela encontre na leitura uma motivação, permanente. O processo de alfabetização é um processo contínuo e dinâmico de natureza conceitual. Deve-se colocar a criança no centro do processo de aprendizagem. Havendo necessidade de se criar um ambiente alfabetizador, ajudando a criança a descobrir oque é necessário para inteirar-se do que é realmente ler e escrever. Possibilitando na escola um ambiente produtivo e expressivo, em que a linguagem seja um vínculo orgânico com a vida e na transformação do desenvolvimento futuro no ato de ler e escrever.

Nesse sentido, tendo em mente, por um lado, os pressupostos da inadequação do trabalho escolar relativo ao processo de leitura e, por outro lado, a importancia dessa prática social na formação do cidadão, pretendo desenvolver este trabalho, respondendo a seguinte questão: Quais são as dificuldades de leitura na alfabetização?

A partir dessa preocupação, estabeleci como objetivo:

OBJETIVO GERAL: Analisar os mecanismos e fatores que provocam a deficiência no hábito de leitura reflexiva das crianças, por meio de pesquisas e entrevistas, objetivando soluções viáveis para transformação do seu próprio mundo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Perceber os fatores que implicam na leitura do desenvolvimento do pensamento crítico e criando, por meio da entrevista, objetivando solucionar o problema.

Verificar a metodologia aplicada e os instrumentos utilizados pelo professor na prática de leitura em sala de aula, por meio de pesquisa objetivando conhecer a importância da leitura reflexiva, como uma rica experiência de vida que favorece o debate e a discussão com respeito à diversidade de opiniões.

O problema da leitura reflexiva na alfabetização mencionados neste trabalho derivou as seguintes hipóteses:

- Que o descompromisso da prática docente, influência no hábito da leitura reflexiva. Por motivos do não incentivo que permitem a criatividade e o espírito crítico da criança.
- O uso de metodologias e instrumentos aplicados em sala de aula de forma inadequada, desmotiva a criança na leitura compreensiva.

Isto, faz com que a prática docente desestimula e provoca desmotivação na leitura reflexiva do aluno. Na verdade as crianças não possuem o hábito da leitura reflexiva por não exercer o hábito de ler e praticamente não são estimuladas para leitura reflexiva, devido a prática docente não favorecer condições adequadas para o despertar para a leitura compreensiva.

O alfabetizador precisa despertar interesse da leitura, mostrar o valor e as vantagens de ler. A sala de aula deve ter cartazes, livros, jornais e revistas. A leitura deve ser chamativa, agradável se for contextualizada. Portanto deve estar ligada ao mundo da criança ao ambiente. De nada adianta para ler textos quebrados, que nada tem de original e nem sentido.

Ensinar a ler e escrever não implica em impor ao aluno uma leitura única, mas consiste na capacidade de criar uma atitude de expectativa prévia ao texto, despertar a curiosidade do aluno e utilização de múltiplas fontes de conhecimento.

Assim ao professor-alfabetizador cabe resgatar os domínios básicos das áreas psíco-motora, social e cognitiva a fim de poder iniciar e continuar sem dificuldade a sua escolarização.

A introdução desse trabalho contém a definição do problema, justificativa, objetivos e detalhamentos das hipóteses. Esse trabalho foi dividido em 04 capítulos, em questão as práticas de leitura na alfabetização e a importância da leitura reflexiva.

No primeiro capítulo apresento uma revisão bibliográfica geral sobre o assunto.

No 2º capítulo explico os instrumentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, bem como as condições de produção da coleta de dados entre os alunos e os professores sujeitos de pesquisa.

No 3º capítulo analiso dois momentos de leitura dos professores da 1ª série, fazendo um paralelo entre alunos.

No 4º capítulo analiso a questão da leitura e o aluno em que, através das entrevistas com as crianças posso explicitar como essas vem percebendo essa importante prática cultural.

No 5º capítulo analiso a questão da leitura e o professor em que através das entrevistas com os mesmos, posso explicitar como perceber a importância do hábito da leitura reflexiva.

É imprescindível, porém não se esquecer de que todo esse fazer baseou-se em criteriosa revisão bibliográfica conforme se lê a seguir.

1. CAPÍTULO I - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

É a leitura que dá significação ao texto, seja na sua produção ou no seu valor crítico. A leitura também *“impulsiona o uso e o treino de aptidões intelectuais e espirituais, como a fantasia, o pensamento, a vontade, a simpatia, a capacidade de identificar etc.”* (BAMBERGER, 1987:32). Portanto, é da leitura que nasce a redação, instrumento de amostra do desempenho escolar, instalando como ação confirmadora do desempenho do leitor em deixar brotar uma forma escrita ou oral o senso de criticidade despertado por um texto lido.

SILVA (1988: 107), afirma que o leitor crítico, movido pela intencionalidade de crítico, de sua consciência, desvela os significados indicados pelo autor através do documento, mas não permanece nesse nível; ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criatividade, à luz das experiências que possui em seu repertório. A crítica faz com que o leitor não só reconstrua ou reescreva as idéias veiculadas por um autor, mas leva-o também a posicionar-se diante dela fazendo o cortejo (reflexão das idéias) projetadas pelo processo de constatação.

Então, na produção do aluno devem ser observados os aspectos de expressividades tanto na modalidade oral quanto escrita, para verificar a capacidade que o aluno tem de ver o mundo que o cerca e a capacidade de recriar, criar textos a partir de um texto lido. Se o professor não valorizar a expressividade do aluno tanto na modalidade escrita como oral, ele estará rejeitando a hipótese da existência de outras modalidades linguísticas da língua. Ou seja, as variedades dialetais.

Ao falar sobre a concepção da escrita e da leitura baseando-se em pesquisa que fez, MOREIRA, in: KATO (1992), afirma que os dois elementos que ocorrem no ato de ler, ou seja, quem lê e o que está sendo lido, não asseguram afetivamente o ato da leitura, porque para haver essa efetivação seria necessário que, quando o leitor visse o objeto lido, recebesse um impulso interno que, certamente, completaria o sentido do texto, relacionando, portanto, a interação do leitor com o objeto lido.

Quanto maior for o contato da criança com o mundo escrito, segundo MOREIRA (1992), maior é a sua facilidade de compreensão e aprendizagem da escrita e de interpretação do texto pelo potencial funcional da linguagem.

A criança, segundo MOREIRA (1992), aprende a ler e a escrever com mais facilidade as palavras que são familiares, seja do léxico relativo a alimentação e cultura, seja do relativo à diversão e saúde, quanto a isso se observa que a criança de classe pobre possui um vocabulário mais restrito. As crianças de classe social mais privilegiada recorrem com frequência à leitura de objetos familiarizados só com busca de informação, mas para teste e confirmação de suas expectativas a respeito do portador.

Depois de ser alfabetizada, segundo MOREIRA (1992), a criança procura fazer as leituras que certamente fazem parte do mundo vocabular, por serem e mais fácil entendimento e por satisfazerem as expectativas estabelecidas antes do conhecimento, relativas à serventia do portador. O portador vai lhe abrir caminhos para que tenha sucesso nas suas produções orais.

A leitura, segundo MOREIRA (1992), depende do contato familiar que a criança tem com o ato de leitura. Se a criança não tem como hábito ver os membros da sua família lendo, esta claro que vai ser difícil à superação deste problema, pois o hábito da leitura no seu mundo vai ficar vazio de significações.

O professor alfabetizador deve estimular e acompanhar a criança levando-a a ler vários tipos de textos para que amplie seus conceitos e conhecimentos a respeito dos mesmos.

A leitura, segundo MOREIRA (1992), é um meio pelo qual o indivíduo se auto-realiza pela satisfação pessoal na comunicação, tendo em vista a construção da cidadania através da superação da condição de seres dirigidos para a participação no processo de construção de uma sociedade mais igualitária, na perspectiva de melhoria da qualidade de vida do cidadão.

É um desafio, segundo MOREIRA (1992), instrumentalizar os alunos das classes populares, para que sejam livres pensadores e criadores de sua própria história assim as pessoas que praticam o ensino devem respeitar as individualidades do aluno e ter consciência de que as suas mãos estão várias personalidades, cada uma diferente da outra, na sua maneira de pensar, agir, falar e até mesmo, em experiência de vidas.

O ensino da leitura na alfabetização, segundo MOREIRA (1992), deve estar teoricamente bem fundamentado, para que se consiga desenvolver no aluno a sua expressão de argumentação, de forma a ampliar a leitura do mundo e a participação crítica do adulto, assim como deve proporcionar as mesmas condições para que se socialize suas idéias, experiências e opiniões: despertando-lhes conseqüentemente o gosto pelo saber adquirido, não somente pela informação e cientificidade, mas também pela fruição do prazer.

Atualmente vários educadores têm se preocupado em discutir e analisar e compreender o processo da leitura.

Os estudos de FREIRE (1987), FERREIRO (1987), OLIVEIRA (1987), ANDREOLI (1994),

LUCKESI (1992), CALKINS (1989), ANDRÉ (2006), BAMBERGER (1987), KLEIMAN (1993), GERALDI (1997), serviram de apoio para eliminação de dúvidas e preocupações, quanto ao entendimento do processo da leitura, para entender concepções e também para motivar o desenvolvimento desse trabalho.

A concepção da leitura foi entendida por esses autores, como um processo dinâmico de compreensão de significados, através de um ambiente propício a aprendizagem é de uma proposta que respeite suas experiências de vida, sua subjetividade, seu tempo de elaboração e que lhe dêem oportunidades pois todo indivíduo é capaz.

O hábito de ler é comparado como um processo de libertação.

O trágico dilema dos oprimidos, sintetizado por Paulo Freire (1987, p.35), compara:

A libertação como parto, pois a libertação é um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a Libertação de todos.

A superação da contradição é o parto que trás ao mundo este homem novo não mais opressor, não mais oprimido, mas o homem libertando-se

Para FREIRE (1987), é preciso superar os limites de situações concretas de opressão, e engajar na luta por libertar-se, pois sem os oprimidos não existiria o opressor.

A prática pedagógica, segundo FREIRE (1987), precisa ser entendida de modo a buscar soluções viabilizadoras que venham de encontro àqueles que buscam soluções libertadoras necessárias e conscientes ler para compreender o mundo, é ter a leitura como um meio pelo qual o indivíduo se auto realiza pela satisfação pessoal da comunicação. A prática da leitura constitui a base para a efetiva apropriação da linguagem. Sabemos que todo aluno que ingressa na escola trás consigo uma bagagem linguística, já bastante avançada que é adquirida no convívio com as pessoas e no ambiente em que vive.

Assim, as pessoas que praticam o ensino devem respeitar a individualidade do aluno e ter a consciência de que em suas mãos estão várias personalidades, cada uma diferente da outra, na sua maneira de pensar, agir, falar e mesmo em experiência de vida.

Para que o aluno consiga ler efetivamente um texto, Paulo Freire (1987), é indispensável que não se aproprie apenas do significado de palavras isoladas, mas sim, da relação que elas estabelecem dentro de um texto. Para isso, o professor deve proporcionar-lhes momentos de reflexão que ultrapassem o simples reconhecimento das palavras e sua repetição mecânica.

É indispensável, segundo Paulo Freire (1987), que se desenvolvam atitudes de leitura o sentido de explorar o texto mais profundamente possível através de debates, de análise e reflexão para que o aluno perceba todas as implicações que esse texto traz, formando seu próprio conhecimento e opinião.

Nesse sentido o professor alfabetizador, não se pode dispensar o trabalho com vários tipos de textos para que se amplie o conhecimento do aluno a partir da sua realidade, fornecendo-lhe a percepção de outras formas de linguagem-informativa, literária, publicitária, dissertativa, etc. de acordo com a intenção em que é produzida.

A leitura não deve ser considerada como um simples ato de decodificação de palavras, pois assimilá-la será apenas uma automatização e não um processo de significação.

E no processo de significação: LUCKESI (1989, p. 119):

A leitura para entender o seu pleno sentido e significado, deve intencionalmente referir-se à realidade. Caso contrário ela será um processo mecânico de decodificação e símbolos. A leitura é processo sobre o conhecimento expresso por escrito, por isso mesmo, deve ater-se a ele e a todos os seus significados.

A significação da leitura está presente não apenas quando o aluno é capaz de responder questões simples, mas ela está presente também na observação do outro, do ambiente e tudo que o cerca. O ato de ler deve estar fundamentado na busca de compreensão da mensagem que, o texto oferece ao leitor e na observação do mundo do outro. A leitura e a escrita devem provir de um conhecimento da realidade que quer transmitir e levar a um conhecimento amplo, mas profundo da própria realidade. Assim a leitura passa a ser significativa quando o leitor retira a mensagem do texto lido, relacionando o com experiência que já vivenciou, pois a leitura que se faz em primeiro lugar é aquela em que se lê a realidade, através de reflexões e experiências e a partir desta, a leitura da escrita ganha vida e significação.

Para esse autor, o aluno só poderá entender o presente pelo estudo e pesquisa do passado e viverá o futuro, mediante o que aprendeu através da análise crítica e transformação do presente. LUCKESI (1989, p. 123):

Para que possamos tomar conhecimento da riqueza histórica construída e transmitida pelos homens de todos os tempos, em termos de conhecimentos, é fundamental a prática da leitura.

Essencialmente, segundo LUCKESI (1989), a leitura deve ser entendida numa perspectiva global e a prática da leitura é imprescindível aos homens e aos povos, sem ela não haverá progresso, acumulação do conhecimento, transmissão e evolução dos saberes, registro memória dos homens.

E isso só será possível, se a escola caminhar na sua função básica, a de transmitir o saber socialmente acumulado, registrado por via de regra, pela linguagem verbal, em texto, livros, jornais e revistas que é a essência de leitura na

escola, dessa forma, o leitor aprendiz sentir-se a melhor preparo para proceder a sua leitura de mundo.

Portanto, é necessário que a escola repense urgentemente em uma decisão mais ágil no sentido de resolver e exigir que resolvam os problemas de desacertos e caminhar com autonomia própria, para que se justifique como instituição onde se deva prioritariamente, aprender a ler e a escrever.

A escola, segundo LUCKESI (1989), é o lugar, por excelência, onde o caminho para a leitura deve ser aberto, pois, sua função primordial é transmitir o saber acumulado pelo homem, e esse saber muitas vezes é registrado no livro, e somente através da leitura é possível chegar até ele, seja pelo processo de memorização, seja pelo processo de forma crítica.

Há na escola, LUCKESI (1989), uma função política subjacente ao trabalho com a leitura, função esta que prevê através da leitura dos a mais diversos textos, um diálogo do leitor com o texto, cujo resultado esperado é a formação de uma visão de mundo mais abrangente e crítica da realidade em que esta inserido o leitor. E a escola por mais paradoxal que possa parecer, tantas vezes conservadora e reprodutora da ideologia elitista, dá abertura para que seja desenvolvida a crítica, como uma formação estratégica da vida.

É tempo, segundo LUCKESI (1989), de todos os educadores lutar para que a escola construa um caminho para o leitor. Com ajuda da leitura, a escola poderá vir a ser a alavanca para a abertura do caminho do leitor, porque passará a exigir dos órgãos centrais maior agilidade na distribuição das verbas, no estabelecimento das competências e na descentralização da autonomia; adotando postura de facilitação e coletilização do espaço e do acervo; orientando o educador na intermediação entre o texto e o leitor, lendo junto com o aluno, a sua leitura às outras feitas.

Para o autor Edson Gabriel Garcia (1992, p.50), uma leitura da política da leitura, refere-se à ausência de uma política de leitura proposta para o país, em seus argumentos disse:

...entendo por política de leitura uma ação ampla, dividida e coordenada em três frentes. a) plano de criação, manutenção e dinamização de bibliotecas públicas;

b) plano de criação, manutenção e dinamização de biblioteca escolares/salas de leitura;

c) plano de produção e coedição de material de leitura.

Tudo isso, deixa-nos a entender que falta muita coisa para esta vasta amplidão chegar até a escola, e depender muito das pessoas que fazem parte do comando dos destinos da nação, mas como estimular a leitura na escola, se a mesma se encontrar despreparada? Esta pergunta suscita reflexão a respeito de proposta voltada para o desenvolvimento da capacidade de e o gosto pela leitura.

Portanto, enquanto a escola estiver à mercê dos órgãos central (federais, estaduais e municipais), sempre vai haver problemas no âmbito do crescimento crítico e criativo do aluno leitor, pois a mesma depende desses. O mínimo que os órgãos devem fazer é: agilizar montagem de servos; facilitar a criação de espaços para leitura; possibilitar cursos de formação para pessoas mais diretamente envolvidas e manter programas de ampliação e reposição de acervo.

GARCIA (1992), cita a importância de utilizar técnicas no ensino da leitura, mas também o erro de alguns educadores em acharem que a prática da leitura é apenas uma questão de técnica e atividades.

Uma coisa é criar, descobrir e sugerir técnicas para estimular a leitura, sem perceber às vezes, incoerências entre estas técnicas, outra é desenvolver a capacidade do gosto pela leitura. (p.50)

Não basta utilizar técnicas, o principal é despertar o gosto pela leitura sem que os alunos percebam que estão lendo por uma simples obrigação, mas que leia com prazer, esse deve ser o principal objetivo ao se utilizar uma técnica de leitura.

Cabe à escola, segundo GARCIA (1992), criar e respeitar os espaços abertos à prática (sala de leitura, biblioteca, acervos volantes, murais, etc.), ter como uma de suas metas a leitura; criar espaços para professores discutirem em grupos / conjunto a prática da leitura na escola; ampliar o acervo constantemente e dar condições dignas de funcionamento para que o aprendiz-leitor ganhe gosto pela leitura.

Para capacitar o leitor a desenvolver o gosto pela leitura, segundo GARCIA (1992), é necessário que o professor exija uma postura que passa por: colocar o leitor nas mãos do leitor com todas as orientações devidas, promover conversas e debates sobre os livros lidos envolvendo discussões, entrevista, pesquisas e

participações de palestras a respeito dos mesmos; possibilitar o leitor a virar autor estimulando-o a escrita relacionada ao livro ou escrita de livros e publicação de antologias; propor atividades lúdicas que revigorem o prazer da leitura e propor atividades relacionadas ao livro.

Também é necessário que o professor seja um leitor (interessando-se por livro, aprendendo com o livro aperfeiçoando-se com o livro). E que o aluno perceba isso, dessa forma, interferem no desenvolvimento da capacidade de ler e de se gostar de ler.

Segundo Edson Gabriel Garcia (1992, p-83), *"a leitura como ferramenta de trabalho, como instrumento de crescimento profissional, é de fundamental importância na formação do professor"*.

O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor pelas quais ele extrai informações. Essas ações passam, na sua maioria, despercebidas em nível de consciência. Elas ocorrem simultaneamente, podendo ser mantidas, modificadas e/ou desenvolvidas durante a apropriação do conteúdo.

CAPITULO II

MÉTODOS, METODOLOGIAS E DELINIAMENTO DA PESQUISA.

Como qualquer estudo que se propõe ir além do senso comum necessita de um planejamento para que haja maior garantia de obter informações verdadeiras e justificadas, para realização dessa pesquisa sobre as práticas de leitura na alfabetização e a importância da leitura reflexiva na primeira série do ensino fundamental.

Tive que traçar objetivos que eu queria alcançar e os rumos que a pesquisa deveria tomar. Para isso detectei a problemática existente nas práticas de leitura na alfabetização e a importância da leitura reflexiva levantei as hipóteses e variáveis. Depois parti para leitura de teorias que me ajudaram a fundamentar os problemas e a hipóteses e me mostraram os possíveis caminhos de solução dos problemas.

Optei pelo método etnográfico ao verificar o cotidiano escolar nas práticas de leitura na alfabetização e a importância da leitura reflexiva.

Segundo ANDRÉ (2006), a pesquisa que discute o cotidiano escolar é uma forma mais sistemática de aproximar a realidade escolar ao pesquisador. Permite uma compreensão melhor, mais transparente das situações reais que acontecem no ambiente escolar.

Essa autora considera:

O estudo do cotidiano escolar se coloca fundamental para se compreender como a escola se desempenha o seu papel socializador, seja na transmissão dos conteúdos acadêmicos, seja na veiculação das crenças e valores que aparecem nas ações, interações, nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano escolar. (ANDRÉ, 2006:39).

Motivada pelas aulas do curso de especialização e percebendo as dificuldades que vem enfrentando o professor alfabetizador, resolvi fazer uma pesquisa de campo procurando fundamentar as minhas afirmações em observação direta e em bibliografia especializada.

CAPITULO III

AS PRÁTICAS DE LEITURA.

As práticas de leitura na alfabetização e a importância da leitura reflexiva é uma das pautas que mais se destacam em todos os debates em que se trata de educação escolar, motivo pelo qual gera preocupações em todos os setores educacionais, que culmina em estar formando professores altamente qualificados que detêm saberes e habilidades que orientam o aluno a aprender tudo aquilo que é fundamental a sua relação ativa e crítica como o mundo social.

O ensino, ou seja, os cursos de formação altamente estruturados, são capazes de permear ao futuro professor uma sólida fundamentação teórica metodológica, sendo assim faz-se necessário que cada educador esteja inserido nesta busca de saberes que norteia toda demanda da educação significativa para a sociedade atual.

Atualmente, a sociedade exige nova qualificação dos sujeitos, seja para o trabalho, seja para outras esferas das relações sócio humanas e não diferente o que a mesma exige do professor, as novas formas de encarar a formação de professores mediadores de um uni processo ensino – aprendizagem condizente a sua exigência.

Diante dos desafios impostos pelas condições atuais, tornou-se imperativo pensar novos modelos de formação – atuação do professor que privilegiem a reflexão, a ação reflexiva, como condição de desenvolvimento de sua capacidade profissional, levando-o a assumir seu pensar e suas ações. Nesse prisma, NÓVOA argumenta:

A formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma 'nova' profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas. (1992, p. 24).

Ainda segundo esse autor, a formação docente deve estimular a perspectiva crítica – reflexiva, o desenvolvimento do pensamento autônomo, o que não se faz por mera acumulação de títulos e diplomas, mas por um estudo sistemático e reflexão crítica na e sobre a prática.

Tendo em vista os padrões de formação do professor que culmina uma educação consistente e intrinsecamente voltada para um ensino efetivo capaz de desenvolver a capacidade de criar a crítica do aluno, como visto

acima, é que pude presenciar como no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas. (NÓVOA, 1992 p.24) .

Ainda segundo esse autor, a formação docente deve estimular a perspectiva crítica – reflexiva, o desenvolvimento do pensamento autônomo, o que não se faz por mera acumulação de títulos e diplomas, mas por um estudo sistemático e reflexão crítica na e sobre a prática.

É o que sugerem BORDINI e AGUIAR (1993). As autoras propõem uma sequência para a didática da leitura, a qual pode ser bastante produtiva:

Diagnóstico de necessidades e expectativas do aluno; atendimento das necessidades e expectativas; ruptura e quebra das expectativas; questionamento; alargamento da vivência cultural e da visão de mundo. Com base nessa sequência, seria possível, por exemplo, ler um texto-clichê, questioná-lo e confrontá-lo com o texto literário, singular por definição. Teríamos aí o atendimento dos interesses e necessidades do aluno, mas também, e, sobretudo, a possibilidade de criar novas necessidades culturais e estéticas, aprendidas na escola. (p. 43)

Porém a escola estaria de fato usando seu espaço para a efetivação da aprendizagem, fazendo de seus alunos sujeitos ativo do processo ensino aprendizagem. Eles estariam interagindo de forma integral com o conhecimento e formulando seus próprios conceitos.

Tendo em vista os padrões de formação do professor que culminam uma educação consistente e intrinsecamente voltada para um ensino efetivo capaz de desenvolver a capacidade de criar e criticar do aluno, como visto acima, é que pude presenciar como vem sendo tratado o ensino da leitura em sala de aula, e suas complicações que desnorream o trabalho do professor alfabetizador.

Analisando profundamente dois momentos de leitura em duas salas do 1º ciclo – 2ª fase pude constatar que tanto a professora 01 como a professora 02, trabalharam quase sempre da mesma forma, ambas tinham um caráter afetivo para conduzir o ensino da leitura de modo a fluir o desejo das crianças a buscar na leitura suas significações.

A professora 01 se dotava de suas experiências e aplicava textos que cultivava a atenção dos alunos, tanto que alguns pareciam até estar vivenciando o que liam, demonstrando grandes avanços na interpretação.

A professora 02 também conduzia seus alunos a viver o que liam por este motivo pude constatar que essas duas professoras assemelhavam no seu modo de ensinar.

A prática de leitura que essas professoras revelaram, são condizentes de seus cursos de qualificação.

Sabemos que, por mais que a escola esteja equipada para conceber um ensino diversificado para a aprendizagem do aluno, e não ter um corpo docente capaz de mediar o conhecimento, nada terá proveito e é por esta razão que o professor alfabetização devesse estar atento, a busca de novos conhecimentos para ter um preparo consciente que venha trazer para seus educandos uma aprendizagem com sentido amplo.

CAPÍTULO IV

A LEITURA E O ALUNO

O ensino aprendizagem está diretamente vinculado a um processo de alfabetização que facilita ou impede ao aluno avançar em suas habilidades de produzir o conhecimento de modo a influenciar na sua vida cotidiana.

Por isso, as práticas de leitura devem estar de acordo com o contexto sócio-histórico do aluno, para que o mesmo possa estar desenvolvendo suas capacidades intelectuais de forma harmoniosa e precisa.

Em entrevista, perguntei aos alunos: “você gosta de ler?” Por que?” Obtendo os seguintes dados:

Sala 01

Aluna 01 – Sim porque minha mãe disse que é pra mim ler bastante para quando eu crescer ficar inteligente.

Aluna 02 – Sim, porque aprende muito.

Aluno 03 – Sim, pra mim ser um bom trabalhador.

Sala 02

Aluno 01 – Gosto para aprender as coisas.

Aluno 02 – Sim, gosto, porque é bom e agente aprende mais a ler as letras e escrever.

Aluna 03 – Gosto, porque eu sou muito interessada para aprender as coisas.

Observa-se que os alunos dão significância para a leitura, e isso é um passo fundamental para que eles prossigam suas caminhadas na alfabetização, entretanto é necessário que o professor-alfabetizador esteja embasado em uma prática que procede de um precedimento teórico-prático metodológico que permeia o avanço de cada aluno segundo suas vontades e interesses.

Analisando esses dados e considerando que as professoras trabalham de modo a semelhar, esses alunos certamente irão aprender a ler de forma significativa, isto quer dizer, que em momento algum essas crianças foram submetidas a ler mecanicamente.

Ao perguntar aos alunos: “Sua professora toma leitura sempre de você? Como ela faz isso?”

Sala 01

Aluna 01 – Sim. Ela toma leitura manda a gente ler no quadro todos os dias e tem folhinhas para a leitura.

Aluna 02 – Sim. Leitura no quadro, livros de historinhas.

Aluna 03 – Sim. Ela nos ensina a ler livros.

Sala 02

Aluno 01 – Sim. Ela dirige até nós e pede a leitura de textos.

Aluna 02 – Sim. Ela traz livros de histórias.

Aluna 03 – Sim. A professora usa bastante livros e nos peçam a leitura.

Observa-se que as respostas tanto da sala 01 como da sala 02, tinham os mesmo sentidos. Atribuo isso a forma como as professoras desencadeia o processo ensino-aprendizagem numa dinâmica que motiva ao aluno interesses particulares que cada um trás dentro de si.

Ao perguntar, “ Quais os livros que ela utiliza para tomar leitura de vocês?”

Obtivemos os seguintes dados:

Sala 01:

Aluna 01 – As letrinhas de português e os livros de matemática e historinhas.

Aluno 02 – Livros de historinhas.

Aluno 03 – Os livros de matemática, ciências, português, historinhas.

Sala 02:

Aluna 01 – Vários livros.

Aluna 02 – O livro de matemática e todas as letras, historinhas de fadas, narizinho.

Aluno 03 – Livros de historinhas engraçadas o livro de todas as letras e outros.

Dar-se-á a perceber que as professoras fazem um trabalho de trocas de experiências, tanto é que, refletiu bastante nas respostas dos alunos entrevistados.

Quando se faz um trabalho pedagógico em parceria o rendimento ao mesmo se torna visível a todos quanto estiver envolvidos no processo.

Ao perguntar “ Você tem preferência por algum tipo de leitura? Qual?”

Obtivemos os seguintes dados:

Sala 01:

Aluna 01 – Sim, daqueles que eu leio da mamãe como Cinderela, Branca de Neve, Chapelzinho Vermelho, Peter Pan, Três Porquinhos, gibis...

Aluna 02 – Sim, livros de historinhas. Chapelzinho Vermelho, Branca de Neve e os Três Porquinhos.

Aluno 03 – Sim, leitura dos livros que falam das Baleias e de outras historinhas.

Sala 02:

Aluno 01 – Sim, gosto de ler textos que a professora passa, porque ela traz bastante livros de historinhas bem bonita e o livro de todas as letras.

Aluna 02 – Sim, os livros de historinhas, principalmente o da Branca de Neve.

Aluna 03 – Sim, o livro de Chapelzinho Vermelho.

Observa-se que cada aluno tem sua vontade própria e deseja ler aquilo que lhe interessa principalmente quando o mediador do processo ensino-aprendizagem tem uma visão ampla de dozar tudo que o aluno mais gosta, no caso, essas professoras, tem em comum um perfil de professoras comprometidas com a aprendizagem que busca resgatar as habilidades do aluno com a motivação e dedicação no campo da leitura significativa para sua clientela que estão em suas mãos.

Ao perguntar. “ Você lê em outro lugar que não seja na escola? Onde?”

Sala 01

Aluna 01 – Sim. Em casa e em casa de amiguinhas.

Aluna 02 – Sim, na casa de minha tia, avó e em casa de visinhos.

Aluno 03 – Sim, em casa.

Sala 02

Aluno 01 – Sim. Leio tudo que tem dentro dos mercados (Tem – Tem; São Paulo e outros). Em casa, leio revistas da minha irmã, leio os letrados que passam na televisão.

Aluno 02 – Sim. Leio na sorveteria, cardápio de restaurante, lê também em casa, tudo que tem letras eu fico lendo para saber o que é.

Aluna 03 – Sim. Leio na casa da minha avó, tia, amigas e qualquer lugar que eu andar fico lendo as letras.

Observa-se que esses alunos estão direcionados a ler tudo que estão em sua volta, para eles as leituras não estão somente na escola e sim em toda parte que eles estiverem. Graças ao trabalho desses professores pude contemplar esse trabalho brilhante, na prática da alfabetização que envolve a leitura contextualizada, e, mediante as respostas dos alunos verifiquei a verdade percebida de forma a transparecer o sentido da leitura significativa que eleva o nível potencial de modo claro e objetivo no desenvolvimento cognitivo que cada aluno possa assimilar para confronta suas ideias e aptidões e possivelmente caminhar rumo a descoberta e redescoberta e poder transformar as coisas ao seu redor.

Sabemos que é difícil encontrar professores disponíveis como esses mesmos com os descompassos da escola, sociedade e família em desequilíbrio estrutural funcional “elas” puderam mostrar seu trabalho feito com dedicação e amor pelas vidas que lhes foram altamente confiadas. Pena que, nem todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem não tenham esse compromisso, mas fico feliz por alguém por mais pouco que sejam o número contribui, acreditando que um dia, possamos ter professores alfabetizadores como este, em todos os setores educacionais formando alunos leitores críticos e criadores com capacidades de ações transformadoras de uma para mudar o quadro desta sociedade injusta.

CAPÍTULO IV

O PROFESSOR E SUA PRÁTICA DE LEITURA

No Nível material é percebido a falta de recursos didáticos, onde a escola não oferece condições normais para que se promova práticas de leituras eficiente a nível intelectual, mas devido a esta carência não somente a realidade desta escola é em grande parte as escolas públicas vem enfrentando este descaso por parte dos órgãos governamentais. E devido à falta de condições financeiras que a escola se encontra muitos professores acabam também não investindo nos alunos.

Mas, na verdade a investigação que obtive nesta pesquisa me surpreendeu, deparei-me com duas professoras tiveram que enfrentar os desafios da escola de forma a superar as dificuldades do momento encontradas no ambiente escolar.

Nota-se que estas professoras tiveram que enfrentar as barreiras que impedem o bom funcionamento do desenvolvimento articulado do processo ensino-aprendizagem e por esta razão se faz justo parabenizá-las por estarem realizando um trabalho que tem por meta restabelecer a perfeição e o caráter do papel da escola.

E, portanto, o professor alfabetizador deverá ter conhecimento prévio de seus alunos objetivando modelá-los, pois a maioria, ou quase todas as crianças que fazem parte das escolas públicas advém das camadas populares de baixa renda, e se encontram essencialmente num quadro de vida somente de perdas, sociais, econômicas e culturais. É necessário que o professor alfabetizador entenda a situação e toma-se de uma postura que venha superar ou até mesmo amenizar este quadro atual que se encontram esses alunos.

Em entrevistas, perguntei as professoras: “Como você trabalha a leitura com seus alunos?”

Obtive as seguintes respostas:

Professora 01 – trabalho com leitura no quadro, no livro didático, livros de histórias infantis, leituras colocadas no caderno.

Professora 02 – procuro ler os textos juntamente com os alunos e após essa leitura os alunos falam o que entenderam do texto. Incentivando-os a procurarem descobrir o que pode estar escrito nos materiais de leitura.

Nota-se que os procedimentos utilizados por estas professoras é de grande relevância para o despertar da leitura reflexiva de seus alunos, só utilizar as diversas formas de leitura abrirá janelas e portas para seis alunos avançarem no processo de alfabetização com curiosidade e pensamento de abstração dos objetos, além de favorecer uma riquíssima compreensão do que está sendo lido. Pois o sucesso do professor depende em grande parte da metodologia aplicada.

Ao perguntar “ Você usa outros instrumentos?” “ Além do livro didático?”

Professora 01 – Sim, pois o livro didático não abrange os gostos diversificados das crianças.

Professora 02 – Sim, utiliza muito os livros de literatura infantil e outros materiais de leitura que os alunos trazem para a escola para ler para todos gibis, almanaques, cartões etc.

As respostas obtidas pelas professoras revelam que as mesmas não descartam a idéia do uso do livro didático, mas que as fazem uma correlação de acordo com o contexto dos alunos.

Nessa perspectiva faz-se necessário que o professor alfabetizador use em sua prática planejamento de atividades que condizem com o aluno à espontaneidade e a participação em situações significativas para exercer a leitura compreensiva e dar importância à mesma, sem correr o risco de ter o livro didático como uma única fonte de verdade pronta e acabada, sobre isso ORLANDI (1996), observa que:

Atualmente, a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é fornecido pelo livro didático. Ou seja, o professor orienta-se por aquilo que é fornecido, pronto-a-mão, no livro de respostas do livro didático. A autoridade imediata, nesse caso, é o autor do livro didático adotado. (p.43).

Quando se trabalha dessa forma, não se leva em consideração o fato que a aprendizagem é um ato individual de construção de significados.

Os métodos que o professor alfabetizador no campo da leitura utiliza devem ser condizentes com o tipo dos alunos, caso contrário, pode contar com os mais diversos instrumentos, mas se não saber encaminhá-los não terá êxito. Nos

questionamentos das professoras, o livro didático tem-se como um instrumento a mais para despertar nos alunos o prazer de ler.

Ao perguntar “ Seus alunos são bons leitores?” “ A que você atribui isso?”

Professora 01 – Alguns sim, outros ainda requerem o aumento do interesse. Os que gostam é porque descobriram a necessidade de compreensão da mensagem escrita.

Professora 02 – Alguns demonstram que sim, pois procuram ler todos os escritos que visualizam e quando não conseguem pedem para o professor dizer o que está escrito.

Ambas as professoras responderam de acordo com a sua clientela e isto ficou bem esclarecido nas entrevistas que fiz com os alunos, percebe-se também, que estas professoras conduzem seus alunos a ponto de perceber a importância da leitura no seu dia-a-dia.

A leitura não deve ser considerada como um simples ato de decodificação de palavras, pois assim ela será apenas uma automatização e não um processo de significação.

Ao perguntar “ Você acha que as práticas de leituras precisam ser melhoradas?” “De que forma?”

Obteve-se as respostas:

Professor 01 – Para quem utiliza somente o livro didático sim, mas para aqueles que fazem uso de outros materiais o caminho é esse.

Professor 02 – É preciso oferecer aos alunos leituras de vários gêneros, principalmente textos que fazem parte do cotidiano do aluno: cartas, bilhetes, notícias de jornais, revistas, etc..

Percebem-se nas falas das professoras que o professor que utiliza uma só metodologia, deve procurar novos caminhos para consolidar sua prática em sala de aula e não se tornar um detentor do saber, buscando novos saberes que servirá de suporte teórico-prático para sua ação frente aos alunos.

Ao perguntar “Você se considera um leitor?”

Obtive as seguintes respostas:

Professor 01 – Sim e não. Quando a leitura condiz com meu gosto leio, imagino, viajo, etc. Do contrário leio quando há alguma exigência como: fazer síntese, etc.

Professor 02 – Procuro ser. Gosto muito de ler só não consigo mais porque me falta tempo, mas sempre que tenho oportunidade de estar em contato com material de leitura, sou curioso e quero saber do que se trata nem que seja para ler apenas pedaços do conteúdo.

Percebe-se que as professoras procuram nas suas leituras o que virão a ser conveniente para ter um referencial pedagógico sério e consistente, para aplicar em sua prática.

O professor alfabetizador deve ser um pesquisador constante de textos para garantir um contato saudável, ativo democrático, múltiplo, quantitativo e rico do leitor com o texto.

Como diz Edison Gabriel Garcia (1992, p. 85), *“A leitura como ferramenta de trabalho, como crescimento profissional, é de fundamental importância na formação do professor.”*

Assim sendo, o professor que busque em seu crescimento profissional melhores formas para lidar com seus alunos, este com certeza, terá êxito no seu fazer pedagógico.

Ao perguntar “Quais suas leituras preferidas?”

Recebi as seguintes respostas:

Professora 01 – romances, livros com dicas de saúde, textos que esclarecem dúvidas sobre aprendizagem, de autores como: Vigotsky, Jean Piaget, Cipriano Luckesi e outros.

Professora 02 – Gosto de leituras que me fazem esquecer os problemas, tipos dos romances ou assuntos que despertem a curiosidade.

Analisando as respostas, percebe-se que as professoras possuem hábitos de leituras semelhantes, e isso diz respeito que ambas procuram ser leitoras. E isso, com certeza irá refletir dentro do seu ambiente de trabalho.

Como diz BAMBERGER (1987, p. 65)

O exemplo e a imagem do professor exercem grande influência nos primeiros anos de escola. E se ao identificar com o professor, o aluno se

identifica com uma pessoa que gosta de ler e o desenvolvimento de sua leitura será favoravelmente influenciadas.

Nesse sentido, o alfabetizador leitor terá facilidade para estar formando alunos leitores, capazes de agir diante das situações de vida, com autonomia e determinação em busca do novo através de reflexão e ação transformadora.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A realização desse trabalho evidencia a necessidade urgente da escola repensar o papel enquanto mediadora do processo ensino aprendizagem, no sentido de estar adotando uma política mais séria em relação às práticas de leitura.

Até agora, nada foi feito para substituir a palavra escrita como fonte de acesso ao acervo do conhecimento acumulado pela humanidade durante séculos. Dessa forma, um dos principais objetivos da educação é desenvolver a capacidade de leitura dos alunos, transformando-os efetivamente em leitores, ou seja, em elementos que saibam ler criticamente qualquer texto argumentado, discutindo e posicionando-se diante das idéias expostas pelo autor.

Esse trabalho de formação do leitor é um processo que demanda tempo, e envolve todo o corpo docente da escola, uma vez que a leitura não se restringe somente as aulas da língua portuguesa.

Nesta perspectiva, a escola faz o aluno perceber que, em seu projeto de educação, o aprender ocupa lugar fundamental em sua vida. A formação do educando portanto, deve ser uma preocupação constante no âmbito escolar.

O desenvolvimento do aluno leitor exige tempo, dedicação e planejamento, e o professor tem que estar atento para isso, pois não basta pedir ao aluno que leia ou que passe a gostar de ler. É preciso mostrar-lhe que ler é uma atividade enriquecedora e a única arma que terá durante toda a vida, para conhecer o mundo. Para isso, é necessário dar ao aluno a oportunidade de ter experiência gratificante com a leitura.

A escola deve dedicar-se a conquistar a cultura, despertando nele a curiosidade intelectual.

Faz-se necessário à escola romper com a estrutura existente e adotar uma nova postura que vise essencialmente elevar o individuo a um novo modelo de homem.

É necessário investir na formação dos professores, para que eles estejam preparados para formar esse novo homem. A teoria e a prática devem caminhar

juntas, para que a ação possa se concretizar. As escolas devem estar melhor preparadas, oferecendo materiais didáticos, uma biblioteca onde possa realizar um trabalho produtivo.

O processo pedagógico é uma espécie de educação em que o gosto pela leitura nasce no encanto do prazer das descobertas.

É preciso que a escola esteja atenta à observação e a evolução do pensamento da criança, considerando as etapas de desenvolvimento para não correr o risco de exigir da criança uma leitura que possa estar além ou aquém de suas reais capacidades.

O trabalho com literatura deve ser cultivado, nunca imposto, porque faz parte de seu contexto histórico.

Conclui-se que o hábito da leitura reflexiva depende de toda a ação conjunta de pessoas envolvidas no processo ensino aprendizagem da leitura do aluno e só assim estaremos formando alunos leitores.

RECOMENDAÇÕES:

Desenvolver no aluno o hábito da leitura reflexiva é uma ação que não pode faltar no contexto escolar portanto é de grande importância que a escola preocupe em tornar o aluno leitor-escritor, para que ele caminhe com sucesso.

O professor alfabetizador quando está desenvolvendo seu trabalho, o faz com as melhores das intenções possíveis, além disso, acha que está fazendo o melhor simplesmente porque desconhece técnicas, métodos e experiências que foram realizadas por outros e que deram certo. Muitos professores ministram aulas de forma superficial, porque não foram preparados para tal exercício, ou o curso que os profissionalizou não lhes deu a preparação necessária, ou se deu, talvez tenha caído no comodismo. Então o que fazer? Conformar-se e continuar trabalhando dessa forma.

Cabe ao professor enxergar o real papel enquanto educador e se colocar em seu verdadeiro lugar que é de mediador do processo ensino-aprendizagem.

Também devem ampliar as noções relativas no seu campo de trabalho como, por exemplo o conceito da leitura significativa para a vida. Como explica KLEIMAN (1989: 61),

O ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado uma concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode desenvolver na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais poderosos do que o aluno.

Em fim, como na maioria das vezes, o professor está limitado ao espaço escolar, por ser este o lugar onde a maioria busca o conhecimento formalizado para entender o mundo que está em sua volta e suas complicações.

Nas aulas observadas, percebe-se que os professores deram o máximo de si, produziram o ensino da melhor forma possível porque na concepção delas estavam fazendo o melhor, mas nem todos os profissionais em educação estão com esta visão. Por isso é dever das secretarias de educação e cultura de todas as instâncias estaduais, municipais e universidades estejam promovendo cursos que orientem os professores a trabalhar a leitura da melhor forma possível. Com isso, de certa forma, também estarão obrigando os professores a ler e buscar nas falas dos autores experiências que possam ser realizadas por eles em sua sala de aula; estarão oportunizando que os professores repensem as suas práticas à luz de teóricos.

Na verdade, não lhes faltam ideias nem boa intenção, apenas “formação continuada”, realimentação teórica de seu fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **A pesquisa no cotidiano escolar**. In: FAZENDA, Ivani. Metodologia da pesquisa educacional. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 35-45.
- ANDREOLI, S.B.; MARI, J.J.; BLAY, S.L. et al. Estrutura fatorial do questionário de morbidade psiquiátrica de adultos aplicados em amostras populacionais de cidades brasileiras. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, 28:249-260,1994.
- BAMBERGUER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 3. ed. São Paulo: Ática, Unesco, 1987.
- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ática, 1993.
- CALKINS, Lucy McCormick. **A arte de ensinar a escrever**. O desenvolvimento do discurso escrito. Trad. Deise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1994.
- FERREIRO, Emília. **A criança no processo de alfabetização**. São Paulo: PUC, 1987.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo. Cortes, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GARCIA, Edison Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau**. São Paulo: Loyola, 1992.
- GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura para a leitura: teoria e prática**, Campinas: Pontes, 1989.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- LUCKESI, C. C. **Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica**. Série Ideias, n. 15. São Paulo: FDE, 1992. (p. 115-125).
- LUCKESI, Cipriano e outros. **Leitura como leitura de mundo.. In: fazer universidade uma proposta metodológica**. São Paulo, Cortez, 1989.
- MOREIRA, Nadjá da Costa Ribeiro. **Portadores de texto: concepções de crianças**

quanto a atributos, funções e conteúdo. In: KATO, Mary A. **A concepção da escrita pela criança**. Campinas, SP: Pontes, 1992. p. 15-52.

NÓVOA, Antônio. (Org.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohi. **O inteligente e o estudo**. Revista da Faculdade de Educação, V.13.n.2, p. 15-26, 1987. São Paulo.

ORLANDI, E. P. A produção de leitura e suas condições. In: **Leitura teoria e prática, Revista Semestral da Associação Brasileira de leitura**, São Paulo N° 01, p. 20-25, 1983:

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Unicamp, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discurso e literatura**. Campinas: Cortez, 1993.

SILVA Ezequiel T. **Elementos de uma pedagogia de leitura**. São Paulo: Martins e Fontes, 1988.

SMIIH, F. **Compreendendo a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1.989.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem. Cidade**: Martins Fontes, 1987.

ANEXOS

ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Entrevista com as professoras da 1ª fase do 1º ciclo.

Professora Berenici Vieira e Alvair de Jesus

1-Como você trabalha a leitura com seus alunos?

R:

2-Você usa outros instrumentos? Além so livro didático?

R:

3-Quando você propõe em sala, quais são seus objetivos?

R:

4-Seus alunos são bons leitores? Aque você atribui isso?

R:

5-Você acha que as práticas de leituras precisam ser melhoradas? De que forma?

R:

6-Você se considera um(a) bom leitor?

R:

7-Quais são suas leituras preferidas?

R:

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Entrevistas com os alunos do 1º Ciclo – 1ª Fase da Escola Estadual João Ribeiro Vilela

Alunos: Ariadene Ignês Prevedello (6 anos)

Caroline Gomes de Lima e Silva (7 anos)

Samuel Campos Santos (7 anos)

Professora: Berenici Vieira

1-Você gosta de ler? Por quê?

R:

2-Sua professora toma leitura sempre de você? Como ela faz isso?

R:

3-Quais são os livros que ela utiliza para tomar leitura de vocês?

R:

4-Vocês tem preferência por algum tipo de leitura? Qual?

R:

5-Você lê em outros lugares que não seja na escola? Onde?

R:

PROTOCOLO

I – Nome da Escola: Escola Estadual João Ribeiro Vilela.

Nome da Professora Berenici Vieira Série – 1ª fase do 1º Ciclo (1ª série)

Data da Observação: 04-06-2012

Relatório nº 01

A professora da início a aula pedindo a atenção de todas as crianças para olhar uma paisagem que estava exposta no mural da sala, em seguida fez vários comentários relacionado a mesma, pediu então que cada uma descessem a sua opinião a respeito da paisagem. Nesse momento, as crianças queriam falar de uma só vez, a professora pediu colaboração de todos, que uma deve esperar a vez do outro.

Nessa paisagem mostrava uma floresta desmatada. A professora aproveitou o momento e comentou sobre a vida e extinção dos vegetais e animais que possivelmente viviam neste lugar e após entregou uma folha em branco pedindo para os alunos escrever ou desenhar um habitat com plantas e animais vivos. Assim que os alunos fizeram foram expostos no mural. A professora deixou que cada criança falasse da sua produção. Percebi que todas falavam entusiasmadas e queriam ouvir mais sobre os animais e plantas.

Também notei que a professora integrou várias disciplinas, como ciência, história, geografia nas atividades escritas.

No final da aula, a professora pediu para as crianças verificar no trajeto se sua casa, se ainda há áreas não desmatadas nas proximidades da cidade.

II – Nome da Escola: Escola Estadual João Ribeiro Vilela.

Nome da Professora: Berenici Vieira

Série – 1ª Fase 1º ciclo (1ª série)

Data da Observação 08-06-2012

Relatório 02

A professora começa a aula com o tema “Amor”. Distribui uma folha em branco e pede para os alunos falar o que sabem sobre o amor. Após a redação dos alunos a professora colocou uma música bem baixinho que falava profundamente do amor (música “ Jovem Galileu”), e pediu para cada aluno ler o que escreveu. Percebi que cada aluno expressava de forma que eles imaginavam ser o amor, uns acreditavam e outros diziam que não existe amor, também foi difícil para a professora fazer os mesmos entender que o amor é a fonte de água viva.

Num determinado momento uma aluna fez a seguinte pergunta;

Professora a senhora disse que o amor é vida por que as pessoas que agente ama morre?

A professora disse para a mesma que o amor supera a dor, mas que a morte faz parte da vida, como a morte natural. É um mistério da vida. A vida que falo é a preservação e perpetuação de nossa espécie que depende do amor para com as pessoas e para com a natureza.

A professora sugeriu aos alunos que fizessem poesias, músicas, paródias, piadas e mensagens sobre o tema, deixou a escolha a critério de cada um. Após o término a professora deu início as apresentações. Percebi que nem todos fizeram, mas, uma grande parte dos alunos fizera. Ficaram bonitas as apresentações. Cada aluno expôs sua ideia de maneira simples mas com clareza e com prazer. Nesta aula foi percebido o nível de aprendizagem é aumentado de acordo com querer do aluno.

III – Nome da Escola: Escola Estadual João Ribeiro Vilela

Nome da Professora Alvaír de Jesus Série 1ª fase – 1º Ciclo

Data da Observação: 11-06-2012

Relatório 01

A professora inicia a aula apresentando um quadro que contém uma paisagem.

Pede aos alunos que a observe bastante. Em seguida faz-se várias perguntas: O que vocês observaram nessa paisagem?

Tem algo que diz respeito as nossas vidas? Hoje em nossos dias existem paisagens assim como esta? Os alunos respondiam de acordo a cada questionamento. Percebi que a curiosidade dos alunos ia além dos questionamentos propostos pela professora. Eles queriam saber tudo a respeito das modificações das paisagens.

A professora logo começou a explicar o porque de tantas mudanças que ocorre numa determinada paisagem, citando os arredores da cidade como prova das modificações. Logo percebi que os alunos passaram a entender. Explicou também, que estas modificações são devidas o trabalho do homem que sempre está procurando condições para facilitar o seu trabalho e manter a vida mas, se o mesmo não for feito com consciência, pode acarretar problemas muito sério no futuro. As explicações do professor foram suficientes para o entendimento dos alunos.

Em seguida a professora pediu para os alunos fazer uma relação dos agravos a natureza, que podem mudar ou acabar com uma paisagem. Nas relações dos alunos foram checados. A queimada, o uso inadequado de agrotóxicos, o desmatamento sem limite, a falta de replantio, a caça. A professora explicou que esses problemas só serão resolvidos se houver uma conscientização por parte de cada um de nós. Após, pediu para os alunos criar frases a respeito de conscientização ambiental e coloca-las em cartazes e em seguida pregar em várias localidades como uma das formas dos alunos estarem levando a conscientização ao

público. Percebi que os alunos envolveram bastante com o tema, pois se trata da preocupação da preservação da vida. A interação professor aluno aconteceu a todo o momento.

Para finalizar a aula, a professora pediu para os alunos observar os arredores da cidade e fazer uma análise do que fora observado, para ser discutido na próxima aula.

III – Nome da escola: Escola Estadual João Ribeiro Vilela

Nome da Professora: Alvaír de Jesus Série 1ª Fase – 1º Ciclo

Data da observação: 15-06-2012

Relatório 02

Os alunos são conduzidos para a sala pela professora. A professora inicia a aula, mostrando vários textos jornais, livros de literatura, mensagens, panfletos, livros didáticos e em seguida pede para os alunos escolher a leitura que quiser. Assim que os alunos escolheram a professora pediu para fazerem uma leitura silenciosa e após a mesma, cada aluno lia em voz alta para os demais.

Percebi que a cada momento que um aluno acabava de ler, a professora comentava sobre o assunto do texto e fazia suas observações a respeito da entonação de voz do aluno num caderno a parte. Foi percebido também, que os alunos tinham certas dificuldades de pontuação. Assim que terminou a leitura a professora passou uma atividade na lousa como reforço, para sanar as dificuldades de pontuação e entonação de voz adequada.

A professora sugeriu os alunos para estar lendo não somente na escola, mas em qualquer lugar que esteja para que a partir daí vocês possam compreender melhor as coisas ler bem.